

“Estou pronto para governar o Paraná com seriedade, respeito e muito trabalho”, diz Osmar Dias

Em entrevista aos jornais da Associação dos Diários do Interior (ADI Paraná), o ex-senador Osmar Dias reafirma sua pré-candidatura ao governo do Paraná em 2018 e diz que a sua prioridade no momento é a finalização do plano de governo que irá apresentar no próximo ano. “Irei apresentar um plano que obedeça às vocações regionais através de um zoneamento das necessidades e aptidões de cada região do Paraná”, Osmar também falou sobre o panorama político.

A entrevista completa pode ser conferida abaixo.

Por que o senhor renovar voltar à política, depois de quase sete anos afastado, sem disputar eleições?

O.D. - Eu fiquei 6, 7 anos afastado e pensei em não dar a minha contribuição. Estou preparado, aliás, já estava preparado em 2006 e em 2010. A população fez outra escolha, eu aceitei e respeitei, mas continuei me preparando e trabalhando de forma séria. Quando convidado para a vice-presidência do Banco do Brasil fui exercer um cargo técnico e desempenhei fazendo bem feito, como sempre fiz em toda função que exerci. Não fui exercer um cargo político e sim um cargo técnico. Quando cheguei, o crédito para a agricultura brasileira no Banco do Brasil era de R\$ 20 bilhões, quando sai dei um crédito de R\$ 80 bilhões para os agricultores brasileiros, com vários programas novos que estão permitindo que a agricultura e o agronegócio sejam o salvador da pátria neste momento. Se as pessoas de bem não se unirem neste momento, o país ai sim não terá jeito.

Qual a sua principal motivação para ser candidato ao governo?

O.D. - É a vontade de querer implantar um modelo baseado de gestão para impulsionar a economia do Paraná e, consequentemente, criar milhares de novos postos de trabalho na cidade. Me preparei para ser governador e estou pronto para governar o Paraná com seriedade, respeito e muito trabalho. A população exige moralidade na administração do dinheiro público e clama por mudanças, mas sem aversões.

Nossa prioridade absoluta é a finalização do plano de governo que iremos apresentar no próximo ano, obedecendo às vocações regionais através de um



Osmar Dias: “Não dá pra continuar acreditando que a política é um lugar para quem não presta”

zoneamento das necessidades e aptidões de cada região.

O senhor fica no PDT ou pretender trocar de partido? Já está descartada a possibilidade de que o senhor integre o Podemos, do seu irmão Alvaro Dias?

O.D. - Não descarto esta possibilidade, até porque estamos conversando a respeito dela. Porém não vejo possibilidades neste momento de fazer qualquer mudança de partido sem ter um cenário mais claro do que significará lá na frente o projeto do Podemos a nível nacional. Como o Alvaro disse, vamos aguardar as alianças no estado para definir nossos apoios. Vamos aguardar os projetos do Podemos para definirmos o nosso rumo.

Eu não cogito sair do PDT neste momento porque não vejo razão para isso. Estou no partido há 16 anos, sou presidente estadual e tenho muitos companheiros que me acompanham nessa jornada política. É creio que mais importante é construir um projeto de governo para o estado do Paraná do que pensarmos em mudanças partidárias, já que hoje todos os partidos são iguais, não há nenhum que possa dizer que está na vanguarda ou agradando a população.

Como fazer política num ambiente como este, de descrédito dos políticos?

O.D. - Quando a população mistura todos os políticos e cre que nenhum presta, só beneficia aqueles que realmente não prestam, só ajuda os que não têm caráter, não têm moral, não têm ética. Com isso, só vão prosperar aqueles que têm um comportamento que tem levado a população a condenar todos os políticos.

Um dos méritos da Operação Lava Jato foi mostrar os dois lados da corrupção, um câncer que ataca da mesma forma quem dá e quem recebe o dinheiro.

Não se pode dizer que o crime de corrupção seja mais grave para quem recebe o dinheiro do que para quem o dá. Acho que vai ser preciso separar o joio do trigo. A sociedade só vai melhorar quando tivermos uma classe política com ética e princípios que a gente recebeu em casa, os valores da família. Não dá pra continuar acreditando que a política é um lugar para quem não presta.

O senhor tem alguma preocupação que o fato de ter trabalhado no Banco do Brasil, no governo Dilma, possa ser explorado por seus adversários negativamente?

O.D. - Poderia ter preocupação também se o governo fosse do Aécio Neves. O que me desabona ter ocupado um cargo técnico no governo Dilma? Eu ocupei um cargo no Banco do Brasil que é uma empresa que tem mais de 300 anos, respeitada, que tem uma governança séria e faz um trabalho excepcional, principalmente na área de agronegócio, a qual assumi e também a área de micro e pequenas empresas. Me orgulho de ter feito lá um trabalho que criou, por exemplo, um programa de armazenagem. Temos no país um déficit de 60 milhões de toneladas. Só com o programa que criei no BB, já cobrimos 20 milhões de toneladas de déficit.

Criei também o “Inovação” que financia inovação tecnológica, o “ABC” que é uma agricultura de baixo carbono que pensa também no meio ambiente. Coisas que fiz quando fui secretário da agricultura há 30 anos no Paraná.

O fato de eu ter participado do governo Dilma não significa que eu mudei. O presidente da Ocepar foi secretário de cooperativismo do Ministério da Agricultura no governo do Lula e não vi ele mudar o pensamento por causa disso. Eu não mudo minha forma de ser por ter ocupado um cargo

no governo do Dilma.

Não são apenas os políticos do PT que estão envolvidos em casos de corrupção. Há denúncias envolvendo líderes do PMDB e do PSDB, entre outros. Aliás, o Senado Federal deixou de cassar o Aécio Neves depois de todas as provas que foram apresentadas.

Então, é preciso também a gente parar de pensar que honestidade depende do partido. Honestidade depende da pessoa, depende da criação e da formação. Eu sempre fui sério e sempre continuei a ser sério, seja onde eu estiver. Não é porque ocupei um cargo no Banco do Brasil no governo Dilma que mudei minha forma de pensar, de agir e meus princípios.

O governo Temer anunciou a intenção de privatizar inúmeras estatais, entre as quais a Eletrobras. Como o senhor vê isso?

O.D. - Isto é colocar o Brasil a venda. Você vender o setor elétrico, energético, principalmente porque nós sabemos que vêm aí os chineses com todo o dinheiro que tem para investir e comprar nosso setor energético, significa colocar em risco as futuras gerações.

Quando você tem empresas como Itaipu, Eletrobras, que são controladas pelo poder público, sabemos que elas podem controlar e regular o preço de mercado. Claro que as empresas privadas devem investir no setor energético. Isso é importante para o país, mas não comprando empresas estatais, porque se nós perdermos o poder de controlar preço de mercado. Quem pagará é do mais pobre ao mais rico no país.

Quero lembrar que quando quiseram vender a Copel aqui no Paraná, eu fui para a rua para evitar. O país vive uma derrocada, esta vergonha, e ai as pessoas

não condenam que o governo está tentando vender o país para tapar os buracos e os rombos, e ao mesmo tempo liberar recurso para comprar apoio político no Congresso. Isso faz parte de um sistema político que não mais representa a população brasileira.

Eu creio que vender essas empresas de energia é, sem dúvida nenhuma, um grande risco às gerações futuras. Como é falar em vender o Banco do Brasil. O Banco do Brasil exerce um papel fundamental também no controle de juros do mercado, apoiando a agricultura com juros controlados. Acho que isto é um crime contra o próprio país e contra as futuras gerações.

Na sua avaliação, qual o maior desafio para governar o estado?

O.D. - O Paraná precisa retomar sua capacidade de investimento, especialmente para fazer obras de infraestrutura. O Paraná é a quinta economia do País, o sexto Estado em população, o terceiro maior gerador de empregos com carteira assinada e o maior produtor de grãos do país. Precisamos investir na industrialização e, especialmente, na agroindustrialização. Há descompasso entre o que é arrecadado no Estado e o retorno recebido em investimentos do governo federal. Precisamos de investimentos federais em logística, infraestrutura, ensino superior, habitação e em programas sociais.

Precisamos de programas para educação integral e para os jovens, especialmente nas médias e pequenas cidades, para que crianças e jovens ocupem seu tempo em atividades esportivas, de lazer, culturais. Vou ouvir as demandas regiões, as reivindicações de entidades como a Fiep, Fieap - que representam o setor produtivo e também os trabalhadores - todos os que estiverem interessados em contribuir com ideias para o plano de governo.

O pedágio no Paraná é o mais caro do Brasil e os atuais contratos vencem em 2021. Caberá ao próximo governador dar uma solução para o tema. O que o senhor pensa sobre o assunto?

O.D. - Da minha parte, o que proponho é uma nova licitação com novo modelo de pedágio. Há quem diga que não há possibilidade de prorrogação dos contratos de pedágio, que esse é um assunto ultrapassado. Isso não é verdade, tanto que estava

em discussão e continua em discussão entre várias entidades representativas e no próprio Governo do Estado a possibilidade de renovar as concessões que estão aí.

E renovar as concessões que estão aí, significa manter este preço até aumentar, pois nunca vi contrato baixar preço. Então, se renovar os contratos de pedágio, continuaremos a pagar este absurdo de preço que é o mais caro do Brasil. Ai dizem que isto é discurso político. Não, não estou falando que abaixarei o pedágio na marra. Estou dizendo que tem que ser feita uma nova licitação, com novo modelo de pedágio e com contrato transparente para que a população possa conhecer as obras que terão que ser feitas em cada rodovia, se teremos viadutos, se teremos pontões. Tudo isto tem que estar no contrato esclarecido para que a população entenda o que está pagando.

Hoje nós pagamos sem saber o que estamos pagando, porque muitas das duplicações que eram previstas no contrato, nós nem sabemos quais eram. Ai nós só feitas e a população continua pagando. Uma das concessionárias faturou R\$ 860 milhões no ano de 2016 e teve um lucro de R\$ 250 milhões, mais de 30%.

Eu pergunto: qual é o negócio hoje no Brasil que dá 30% de lucro? Se rentabilidade é líquida? Só o pedágio. Então está errado. Tem que haver uma decisão que seja clara neste sentido em se fazer uma nova licitação com um novo modelo de pedágio. Esta é a decisão.

Quais as possibilidades de alianças, com que partidos o senhor já conversou?

O.D. - Quero deixar claro que não estou discutindo aliança neste momento. Aliança política se faz em cima de um projeto. Nós estamos elaborando um projeto e vamos discutir as alianças no ano que vem. Mas uma coisa, eu afirmo: só aceitarei em nossa aliança política com partidos queensem assim como eu. Política moderna tem que ser aquela que eu sempre fiz: com seriedade, respeito à população, e com eficiência do Estado. Neste momento, as alianças partidárias têm um papel secundário e a legislação eleitoral tem que ser reestruturada.